

AS DIFERENTES CONSTRUÇÕES DE AUTONOMIA DISCENTE NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII

Vanessa Augusta Braga*
Mariana Aparecida de Sá Rodrigues**
Viltielle Cristiane Fernandes Teixeira***
Cátia Pereira Duarte****

Resumo

O presente artigo busca demonstrar como os alunos dos terceiros anos do Ensino Médio do C.A. João XXIII vêm consolidando suas autonomias no espaço escolar. Para tanto, este estudo exploratório de cunho qualitativo utilizou de uma entrevista semi-estruturada com 41 alunos, a fim de detectar a visão dos atores escolares sobre os alunos, bem como as dificuldades, as facilidades e as formas de protagonismo juvenil presentes no meio escolar. Tal observação pôde ser feita através de análise dos conteúdos, tema proposto por Bardin (1977), das respostas dos sujeitos. Como considerações iniciais, identificamos que os jovens acreditam que os atores escolares não sentem confiança nestes alunos, os impedindo de realizar algumas tarefas ou expor algumas opiniões; que as maiores dificuldades ainda são a falta de diálogo entre os atores escolares, o excesso de liberdade e a falta de empenho por parte dos alunos, que às vezes os levam a auto-exclusão; que as maiores facilidades estão relacionadas ao diálogo com os alunos que se envolvem com os movimentos organizados pelos próprios discentes, o que encaminha às formas de protagonismo, como ocorreu com o Grêmio, um movimento de identificação de lideranças, de autonomia e de crítica as mudanças educacionais que a escola vem fazendo desde 2002, quando implantou a reforma no Ensino Médio.

Palavras-chave: Adolescência. Autonomia. Escola. Reforma do Ensino Médio.

Abstract

This article aims at how the senior high schools of C.A. João XXIII are consolidating their autonomies in the school place. So, this qualitative exploratory study had used a half-structuralized interview with 41 students, in order to detect point of view of the school actors about the students, as well as the difficulties, the easiness and the ways of youthful protagonism presents in the school place. This observation could be made through the analysis of the contents, proposed for Bardin (1977), of the answers of the student. As initial considerations, we identify that the students believe that the school actors do not trust in them, preventing from carrying through some tasks or to display some opinions; that the biggest difficulties are still the lack of dialogue among the school actors, the excess of freedom and the lack of persistence of the students, what sometimes,

1 Bolsista BIC-Jr do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora

2 Bolsista de Apoio Estudantil da Universidade Federal de Juiz de Fora

3 Bolsista de Ginástica Laboral da Universidade Federal de Juiz de Fora

4 Profª de Educação Física do C.A. João XXIII, UFJF, Doutoranda em Educação Física pela UGF

take them to the auto-exclusion; that the biggest easiness are related to the dialogue with the students who are involved in movements organized by the students themselves, what in turn, directs them to the protagonism ways, in view of Student Union was the identification movement of leaderships, critical autonomy and educational changes the school have been doing since 2002, when it implanted the reform in high school

Keywords: Adolescence. Autonomy. School. Reform of high School.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o Ensino Médio do Colégio de Aplicação João XXIII tem passado por uma reforma que está proporcionando oportunidades de reflexão-ação-reflexão em torno das orientações curriculares, dos planejamentos docentes coletivos interdisciplinares, dos envolvimento discentes na efetivação dos objetivos da proposta de reforma¹. Ou seja, tal reforma educacional tem como objetivo consolidar o conhecimento teórico com atividades práticas, através da discussão, da troca de experiências e de demonstrações científicas em prol da autonomia de seus alunos.

Mesmo considerando que os atores escolares (professores, funcionários, alunos e pais) tenham se envolvido nas mudanças, percebe-se em vários momentos que a falta de acompanhamento das discussões da Reforma por parte dos alunos gerou pouco aproveitamento das oportunidades, embora estimulasse os alunos a desenvolverem diferentes construções de autonomia neste espaço, nem sempre as mais desejadas pelos alunos.

A partir desta realidade, foi implantado um projeto de Iniciação Científica para que, juntamente com os olhares dos alunos do Ensino Médio, fosse possível detectar o andamento da construção e da consolidação da autonomia dos nossos alunos no meio familiar, escolar e social. E a partir dessa pesquisa, fez-se um recorte em torno da construção da autonomia dos alunos dos terceiros anos na escola (deixando-se as discussões da influência da família e da sociedade para um outro momento) para atender o objetivo da Revista Instrumento deste ano, "novos rumos para as reformas educacionais".

Com isso, através da opinião e das atitudes dos jovens estudantes no terceiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação João XXIII, espera-se detectar as formas de construção de autonomia dos adolescentes no meio escolar e as dificuldades e facilidades encontradas pelos jovens para consolidar sua autonomia; além de verificar como o colégio vem auxiliando na construção do protagonismo juvenil no meio escolar.

Tal estudo demonstrará se os objetivos da comissão que organizou a Reforma do Ensino Médio - de reavaliar as atividades a fim de atender a realidade dos alunos e tornar a dinâmica escolar mais democrática, crítica e autônoma - vêm se consolidando através das relações entre os atores escolares, bem como das relações entre os saberes e os saberes-fazer que são construídos no cotidiano pedagógico.

Para tanto, utilizou-se entrevistas semi-estruturadas com alunos dos terceiros anos do Ensino Médio, regularmente matriculados na escola, para então detectar qual visão dos que circulam neste meio têm sobre alunos, ouvir das facilidades e dificuldades para adquirir suas autonomias no espaço escolar onde transitam, como também identificar as formas de protagonismo juvenil, através de análise de conteúdo de Bardin (1977).

Considera-se qualitativa esta pesquisa pelo fato desta analisar a realidade de cada aluno, e não apenas tirar conclusões através de números, de quantidade e sim pela qualidade de cada opinião expressada. As afirmações sobre o comportamento dos entrevistados durante e fora da entrevista devem ser feitas a partir do reconhecimento e da análise do contexto em que esses sujeitos vivem, de acordo com o conteúdo fornecido por estes alunos, pelo reconhecimento e estudo sobre esses meios e de que forma eles podem influenciar nas atitudes tomadas por esses jovens.

Como afirma Bardin (1977), esta análise de conteúdo proporciona um aumento na compreensão do material analisado num nível diferente do de uma simples leitura do senso comum; pois ao fazer esse tipo de análise, coletam-se dados que relacionados a uma série de observações, pistas, que fazem com que apesar de mais trabalhosa, essa análise; seja mais rica em detalhes e com maior segurança nas conclusões tiradas.

1. ANÁLISE DOS DADOS

Ao entrevistar 41 alunos do terceiro ano do Ensino Médio do C.A, obteve-se dados sobre a realidade vivida por esses jovens no meio escolar. Sobre esse espaço citado, foi possível retirar quatro categorias que tornaram esta análise mais dinâmica, as quais são: a visão dos atores sociais sobre o jovem, as dificuldades e as facilidades encontradas pelos jovens neste meio e formas de protagonismo juvenil na escola.

Em relação à primeira categoria, a visão dos atores escolares sobre o jovem - dos 41 informantes, uma maioria acredita que os atores escolares os consideram irresponsáveis, como podemos observar nesta fala: “Eu acho que a gente não é incentivado a falar (...) Aqui a gente não tem vez não”. Esta opinião nos mostra que a visão que os jovens têm da escola é que alguns atores escolares não vêm dando oportunidades para que os alunos desempenhem certas atividades no colégio, pois há um conceito de que estes não serão capazes de realizar pelas respostas dos entrevistados, percebe-se que a prática da exposição de idéias deve ser estimulada pela escola, é o que defende Rodrigues (2002):

“educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para construir a continuidade de sua própria formação” (p.241).

Outro grupo não souberam dizer da visão que a escola tem a respeito deles. Tal opinião pode ser confirmada pelo fato de que estes jovens não participam de movimentos no colégio e, portanto, não têm contato com o que pensam as pessoas envolvidas nestes. É o que podemos observar na seguinte fala: “Eu não tenho vontade de participar de nada não”, demonstrando que algumas práticas pedagógicas ao deixar o aluno muito livre, fazem com que o mesmo se sinta sem limites e ainda sem motivação (LACERDA, 2004).

Infelizmente, apenas uma minoria, através de suas respostas mostrou que pensa que os atores escolares os vêem como autônomos, com uma maturidade maior que os outros participantes desta entrevista: “Eu acho que há a construção da autonomia. Tanto que você tem que escolher os módulos e tal.” Como podemos observar nesta fala, estes alunos já refletiram sobre as questões a eles propostas durante a entrevista.

Assim, estes têm consciência do que fazem e compreendem os objetivos das atividades à eles propostas, como lembra Alves e Oliveira (1999):

“é na vivência do dia-a-dia que nossos saberes e valores vão emergindo enquanto norteadores das nossas escolhas e possibilidades de práticas efetivas (p. 2).

De acordo com estes autores e relacionando esta citação com a fala já mencionada, podemos observar que uma minoria de jovens passou a observar os ambientes que freqüentam de forma mais crítica o que, de certa forma, traz um aprendizado para estes sujeitos. É destas vivências que são percebidos os problemas e as soluções que existem nos próprios ambientes. Assim, essas visões críticas podem motivar no jovem a vontade de mudar alguma realidade ou fazer para que esta melhore cada vez mais.

Em relação à segunda categoria - sobre as dificuldades encontradas pelos jovens no meio escolar - a metade dos entrevistados afirma que o maior problema por eles enfrentado está na falta de diálogo para decidir questões da reforma do Ensino Médio. Para eles, a reforma estabelece que:

“deve a escola, ser um ambiente acolhedor que possibilite aprender a “conhecer” e aprender a “conviver”, conscientizando para o respeito às diferenças, à liberdade de escolha e ao que é coletivo (Proposta de Reformulação do Ensino Médio, 2002, p.3).

No entanto, essa metade dos alunos se mostrou indignada com uma efetiva falta de objetividade por parte da comissão que organizou a reforma. Pois, conforme algumas respostas, o excesso de liberdade trouxe conseqüências práticas ruins. “Eu acho que os módulos não deram certo, porque ficaram abertos demais”. Vale lembrar que a escola pode não ter atingido o objetivo proposto na Reforma, mas no entanto se envolveu ao máximo para proporcionar autonomia e liberdade de uma forma equilibrada para ao alunos. Já os alunos, eles muitas vezes deixaram de participar das discussões e reuniões referentes aos assuntos de seu interesse, não contribuindo assim para que o projeto pudesse se desenvolver amplamente e a favor de todos os envolvidos.

Este grupo afirmou que há dificuldade de manter diálogo com alguns professores, pois há separação entre professores e alunos; com alguns professores

evitando o diálogo com os alunos: “A gente cansa de dar opinião, de questionar e o colégio nem aí.” Essa dificuldade pode influenciar por demais na construção das autonomias destes discentes como mostra Rodrigues (2001): “é preciso que haja uma educação de fora para dentro, ou seja, esta imposição feita pelos professores também é necessária, mas a partir de determinado momento tais iniciativas devem ser tomadas pelo próprio jovem (de dentro para fora).” Esta segunda iniciativa de tais sujeitos foi testada a partir do momento em que o colégio deu muita liberdade para que estes fizessem suas próprias escolhas.

Alguns poucos apresentaram traços de auto-exclusão nas suas falas. “Eu concorri ao grêmio ano passado, mas as idéias que a gente tinha não tinham nada a ver com o aluno (...) que quer só saber de baderna.” Esta resposta mostra uma consequente falta de autonomia de alguns alunos. Além do que, esta fala apresenta um dado preocupante, pois àqueles que ainda não possuem suas autonomias consolidadas fazem ditar os rumos de novas atividades, quando algum discente esforçado procura tomar uma iniciativa, este já se sente desestimulado, e os exemplos à ele exposto só o fazem acreditar que suas idéias e ações não farão diferença: “Eu não participo (de movimentos) porque eu acho que o grêmio nem adianta e eu nem sei se tem porque não tá fazendo nada.”

Dessas dificuldades entende-se o que Saviani (2004) queria mostrar com a esquematização da dialética: ação - problema - reflexão - ação. Para o autor, isto só ocorre quando há parcerias entre os sujeitos de uma determinada realidade, pois a ação fundada na ideologia do grupo suscita novos problemas fundamentados na filosofia do mesmo grupo, isto levando à reformulação da ideologia que é a organização da ação e acarretando na reformulação da ação fundada na ideologia reformulada pelo coletivo.

Quanto às facilidades encontradas no meio escolar, percebem-se dois tipos de respostas. No primeiro grupo, estavam as respostas que se referiam ao diálogo entre o aluno e os outros atores escolares, pois esta acontece através da iniciativa dos membros do grêmio estudantil: “Eu acho que o grêmio leva as discussões, as reclamações dos alunos e pode discutir os assuntos com a visão do aluno.” Os alunos engajados são uma esperança para os outros jovens, pois este tem consciência do papel que têm na escola, mas não é o

que sempre acontece, como já citamos como o fato que alguns deles não terem compromisso com o que assumiram. Segundo Duarte (2003),

somente depois do golpe de 1964, o movimento estudantil ganhou uma nova forma de reconhecimento político e social, incentivando muitos adolescentes a seguirem caminhos de luta e de resistência (...). Na década de 90, houve um abalo na participação do adolescente na reestruturação democrática, colaborando por uma dispersão política juvenil influenciados por diferentes redes de interesses econômicos (p. 21).

Este grupo percebe a importância da liberdade de manifestar suas opiniões e o diálogo entre os envolvidos no meio escolar. Além da representação de alunos, o diálogo também ocorre em certas aulas, como afirmam os alunos: “Na aula de Filosofia a gente discute bastante”; “Nas aulas de Educação de Educação Física a gente dá opinião no planejamento.”

De acordo com Mische (1997), tais situações de diálogo e de envolvimento dos jovens em seus espaços estão mais escassas, fruto das inovações e das formas de vida alteradas com o avanço da tecnologia que tornaram o jovem um sujeito mais cômodo, preocupado com sua própria felicidade. Felicidade esta gerada através de realizações materiais e dividida de forma cada vez mais desumana, pelo uso irresponsável e maciço da internet, de aparelhos celulares entre outros.

O grupo que envolveu maior número de respostas foi o que continha as falas relacionadas com o compromisso de alguns alunos do/no colégio: “Eles tentam reivindicar alguma coisa em prol dos alunos.” Esta fala nos permite afirmar que, para este informante, a reivindicação do que parece errado para os alunos é uma forma de compromisso de alguns colegas a favor de outros.

Quanto ao protagonismo, observam-se duas atitudes relevantes: a de adquirir uma consciência e uma posição crítica diante situações; e a de tomar atitudes frente a essas circunstâncias.

A primeira é aquela que se refere ao reconhecimento do jovem sobre quem ele é e, posteriormente, sobre facilidades e dificuldades que este tem na realização de atividades, ou seja, no reconhecimento de seus limites. Com isso, observa-se que a formação da identidade é claramente percebida nas atitudes tomadas por jovens. Tal identidade é percebida principalmente quando os alunos estão no Ensino Médio, onde

adolescentes passam por uma etapa de escolhas. Nas aulas de Educação Física, por exemplo, as atividades que envolvem ajuda mútua e escolha de jogos envolvem bastante esta capacidade presente em alguns e ausente em outros alunos. É o que nos mostra Bee (1997) quando apresenta a adolescência em duas fases. A segunda destas duas fases é uma etapa de consolidação e uso da educação e das vivências até então experimentadas e adquiridas. Tal fase é constituída por decisões e mudanças vindas do próprio sujeito. Essa etapa é a vivida pelos jovens em questão nesta pesquisa.

E a segunda forma de protagonismo diz respeito as reações tomadas pelos alunos frente às dificuldades. Aqui, a atuação do grêmio foi o ponto de partida para que os alunos entrevistados falassem desse assunto: "Eles tentam mudar algo que eles acham que está errado aqui no colégio e mesmo os que não estejam errados, mas precisam de mudanças." A resposta citada exemplifica formas de autonomia, - e, quando esta está sendo voltada para a solução de problemas, percebemos a importância da atuação do jovem nos meios em que este transita. Percebe-se então que a escola, embora com seus problemas e dificuldades, é um meio totalmente propício para que as autonomias sejam consolidadas:

a construção das identidades, é um processo que decorre no tempo, é dinâmico, transforma-se e se dá em múltiplos contextos sócio-culturais e níveis de realidade. Essas experiências, no entanto, não são indiferenciadas. Elas têm pesos, valores e significados específicos que precisam ser analisados tendo como referência básica os pontos de vista e visões de mundo das categorias sociais consideradas (VELHO, 2006, p.193).

Assim, a construção da identidade do jovem vem a ser, em um primeiro momento, um reflexo das situações vivenciadas por ele nos meios em que transita. Por tanto, este meio precisa ser rico em oportunidades e variedades de situações e de realidades. É a partir daí que o jovem procura fazer suas próprias escolhas - de acordo com suas necessidades e vontades, com sua personalidade e sua identidade - interferindo na sociedade ao mesmo tempo em que é interferido por ela.

CONCLUSÃO

Ao analisar a visão que os jovens alunos têm do que os atores escolares pensam sobre eles, observa-se que alguns dos informantes afirmam que são vistos

como irresponsáveis, e portanto restritos na realização de determinadas atividades.

É importante frisar aqui como a visão dos atores escolares influencia nas atitudes destes jovens. Tal visão de que a maioria deles são irresponsáveis implica em uma série de acontecimentos como a auto-exclusão, a rebeldia. É preciso que se veja o jovem como um ser em transformação, que precisa ser valorizado pelas suas qualidades e estimulá-las cada vez mais e fazer com que seus defeitos sejam refletidos.

Como as dificuldades encontradas pelos jovens, - que dizem respeito à falta de diálogo entre aluno e algum atores escolares (professores, funcionários entre outros), ao não comprometimento de alguns alunos na participação dos movimentos estudantis e ao excesso de liberdade proporcionado pela escola em relação aos alunos - alertam que é preciso refletir sobre as relações pessoais do cotidiano escolar.

Não cabe mais acreditar que o professor detém um conhecimento teórico e que tal conhecimento basta para a boa educação do jovem; que os alunos não sabem nada e precisam ser submissos ao conteúdo oferecido nas aulas; que é difícil re-constituir os planejamentos de forma coletiva. Pois é preciso acreditar que a escola é um espaço de transformação das realidades sociais, e que por isso, dentro da escola deveríamos privilegiar uma testagem sobre nossas crenças e desejos. Portanto, há necessidade de se valorizar as trocas de experiências entre os atores escolares para que o conhecimento teórico aliado à tais vivências passe a formar não só alunos brilhantes, mas também pessoas críticas e honestas.

Nas facilidades encontradas pelos alunos têm-se o diálogo garantido com colegas e com alguns professores. Assim, nota-se que os entrevistados caem em certa contradição ao citarem o diálogo como facilidade e como dificuldade. "O que se pode observar são os diferentes pontos de vista de cada sujeito quando tratamos deste assunto. Tal ponto de vista é formado pela educação até então adquirida por tais jovens. Porém, a frequência das falas que citam a falta de diálogo como dificuldade é bem maior do que a de jovens que colocam a existência dessa abertura como facilidade. O fato de a escola implantar o grêmio em seu meio demonstra que a manifestação do aluno é importante e necessária para o desenvolvimento própria escola. Fazer com que o aluno dê sua opinião durante as aulas é outra forma de facilitar a consolidação

da autonomia. Desse modo, a opinião do aluno é levada em conta; e essa abertura é observada nas falas de alguns entrevistados. Todavia, nota-se que ainda é preciso discutir se tais possibilidades de diálogo precisam ser mantidas ou flexionadas, para assim permitir um espaço para conversas e discussões sem que haja liberdade em excesso para com os discentes.

As formas de protagonismo estão relacionadas ao reconhecimento de limites e às atitudes tomadas pelos jovens frente às dificuldades. Quando medidas são tomadas frente às dificuldades, geralmente o grêmio aparece como protagonista de tais ações. A atuação no grêmio estudantil é também uma forma de protagonismo onde os alunos formam um movimento segundo suas formas de pensar e agir e põe-se à discutir com os colegas sem interferência do professor.

Para isto, os professores devem estar:

(...) construindo propostas curriculares emancipatórias que incorporam elementos culturais que possibilitam a formação de indivíduos críticos (Barretos e Morgado, 2002, p.98).

Portanto, a escola tem um papel muito importante nessa construção de autonomia, pois educar é ajudar os jovens a descobrir o seu caminho, o seu lugar neste mundo e a sua vocação - para que então se realizem plenamente. A escola precisa ouvir de alunos, pais, professores e funcionários novas idéias que trazem dúvidas e questionamentos para rodas de debates, - onde todos têm os mesmos direitos e deveres quando o assunto é a construção da autonomia dos alunos, respeitando regras, as modificando quando necessário, sofrendo as conseqüências dos atos irresponsáveis, consolidando valores e princípios éticos.

NOTAS

1 Compilada em 2002, esta reforma tem como objetivo reconstruir o currículo em busca de integração, contextualização, flexibilidade e autonomia do conhecimento elaborado e cotidiano

REFERÊNCIAS

ALVES, N.; OLIVEIRA, I.B. DE. Cotidiano, redes de conhecimento e valores. XXIII ANPEd. Caxambu, set. 1999 in Culturas Jovens, ALMEIDA, M.I. de & EUGENIO, F. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARREIROS & MORGADO. Multiculturalismo e o campo do currículo no Brasil- um estudo sobre a *multieducação* in, Redes Culturais: diversidade e educação. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

DUARTE, C. P. O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física. Dissertação de Mestrado em Educação Física e Cultura pela UGF, 2003.

LACERDA, J. L. Fundamentos para a auto-avaliação como experiência de si na prática pedagógica da educação física escolar. In: Revista de estudo e pesquisa em educação/ Colégio Aplicação João XXIII. v.4, n.1, julho 2002 Juiz de fora: EDUFJF, 2002, p. 41-57.

MISCHE, A. (1997). De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política.

Revista Brasileira de Educação, São Paulo, ANPED, n. 5 e 6, p. 135-155.

PROJETO DE REFORMA DO ENSINO MÉDIO. Comissão de Estudos sobre o Ensino Médio. Juiz de Fora: C.A. João XXIII, 2002.

RODRIGUES, N. Educando: da formação humana à construção do sujeito ético. Educação & Sociedade. n 76, ano 22. Outubro/2001.

SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea in Culturas Jovens, ALMEIDA, M.I. de & EUGENIO, F. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.